

PERCEPÇÃO COMO FRONTEIRA ENTRE PSICOLOGIA, FILOSOFIA, ARTE E ENSINO DE ARTE

Luiza Helena da Silva Christov - UNESP

RESUMO

Tradicionalmente, dois grandes campos do conhecimento abarcam teorias sobre percepção: a filosofia e a psicologia. Mais recentemente, investigações no campo de artes assumem fundamentos ora da filosofia, ora da psicologia para contextualizar percepção.

O presente artigo está organizado em dois tópicos: no primeiro, temos uma recuperação dos diferentes significados da palavra percepção recortando brevemente sua trajetória no campo da filosofia e no segundo, destaca-se uma teoria da psicologia que destinou especial atenção para investigar percepção, enquanto fenômeno humano: a teoria da Gestalt. O artigo enfatiza a relevância do encontro entre psicologia, artes e seu ensino, com foco na palavra percepção.

Palavras chave: percepção, psicologia, arte, educação.

ABSTRACT

Traditionally, two big fields of knowledge embrace theories about perception: philosophy and psychology. More recently, investigations on the field of the Arts will alternate in assuming either philosophical fundamentals or psychological fundamentals to contextualize perception. The present article is organized in two parts, concerning two topics: in the first we have the retrieve of different meanings of the word perception, outlining briefly its trajectory on the field of philosophy; in the second part it is highlighted a psychological theory which has devoted special attention to the investigation of perception as a human phenomena: the Gestalt Theory. The article emphasizes the relevance of this meeting between psychology, art and art education with special focus on the word perception.

Key words: perception, psychology, art, education.

Uma palavra e sua história: a Filosofia como um lugar

A ideia de percepção foi explorada pelos pensadores da antiguidade grega, sobretudo Protágoras, Platão e Aristóteles em um contexto teórico que buscava compreender relações possíveis entre o ser humano e o mundo, considerando o conhecimento como uma mediação privilegiada para caracterizar tais relações. No esforço de pensar as relações entre o homem e o mundo, a filosofia grega – e

ocidental – volta sua atenção para a questão sobre o que é conhecimento. Quais os movimentos do pensamento e do corpo, ou da alma e do corpo, que fazem parte da experiência de conhecer o mundo?

A primeira resposta, com a qual todos concordam é que no processo de conhecimento entram em jogo sensação e reflexão. Sentir o mundo e pensar o mundo constituem investigações para uma aproximação teórica que visa, sobretudo, responder quais as condições para se sentir e para se pensar o mundo. A idéia de percepção começa a ser elaborada como processo que ocorre entre sentir e pensar. Merecem destaque três concepções distintas sobre percepção no contexto da filosofia grega antiga: a dos sofistas representados, nesta discussão, por Protágoras (480 a.C. - 410 a.C); a platônica e a aristotélica.

Protágoras afirmava que perceber é conhecer. Tudo o que conheço é o que me aparece e verdadeiro é o que percebo. A depender do sujeito que percebe, o mundo aparece como lugar de infinitas possibilidades de verdades, porque de infinitas possibilidades de percepção. O objeto percebido torna-se existente no encontro com quem o percebe.

Platão (428 a. C. – 348 a. C.) discorda deste relativismo sofista e afirma que perceber é receber na alma os objetos sensíveis através do corpo. As etapas que relacionam homem e mundo são, no entender de Platão, sentir, perceber, conhecer. Para ele, percebe-se o sensível pela ação de nossa faculdade de raciocinar, pelo pensamento, portanto. A sensação não tem capacidade de discriminar o que recebe no corpo, isto é feito pelo raciocínio. Nosso perceber se dá pela alma, pelo pensar, que resulta em ação de identificar as qualidades do sensível. Sentir e perceber não são o conhecimento em si. Diferentemente de Protágoras, Platão não iguala conhecer e perceber. A percepção é processo que está a meio caminho do conhecimento.

Aristóteles (384 – 322 a.C.) discorda de Platão e de Protágoras e defende que conhecimento e sensação não devem ser idênticos ou distintos de modo absoluto ou seja, não é possível dizer que sensação e percepção não representam conhecimento e tampouco é possível dizer que representam imediata e diretamente conhecimento como afirma Protágoras. Aristóteles entende que existe um substrato presente nos objetos percebidos que independem do sujeito que percebe. Entende também que a afecção provocada neste sujeito por aquele substrato existe na

medida e no momento em que durar a percepção. Em outras palavras, Aristóteles não reputa autonomias absolutas nem ao objeto percebido nem ao sujeito que percebe. No encontro entre mundo ou objeto a ser percebido e sujeito que percebe há um movimento que altera o órgão sensível e coloca em exercício a faculdade perceptiva.

Descartes (1596 – 1650) prossegue com aproximação que já estava presente no pensamento, a saber, a ideia de que perceber é processo que se situa entre sentir e pensar. A partir de reflexão sobre sensação ele caracteriza percepção como uma espécie de sensação, porém já associada à consciência. Distingue três graus de sensação. O primeiro se limita ao estímulo imediato dos órgãos corpóreos, quando somos tocados por um objeto externo ao nosso corpo. O segundo grau de sensação está associado à consciência, quando identificamos sensações, nomeando-as: dor, frio, fome. Descartes afirma que este segundo grau pode ser chamado de percepção porque abarca juízos e valores. O primeiro grau de sensação seria, portanto, puramente mecânico, não consistindo, em sensação propriamente dita, mas sim apenas no movimento de partículas dos órgãos e na mudança de forma e posição que resulta desse movimento. Esse grau de sensação Descartes admite ser comum a todo animal, seja humano ou não. O segundo, na medida em que se trata de uma percepção, envolveria consciência e seria resultante do fato de que a mente está de tal modo intimamente unida ao corpo que é afetada pelos movimentos que ocorrem nele; e o terceiro seria pensamento puro e consistiria no juízo que concebemos quando somos afetados por uma sensação e este último é dependente apenas do intelecto. (Rocha, 2004)

Na mesma tradição que distingue sensação de percepção, KANT (1724 – 1804) aprofunda esta diferença com a formulação de que nossas sensações ganham forma por meio de percepção, ou seja, as sensações são identificadas e ganham sentido por meio de um processo no qual pensamento intuitivo alia-se a noções já presentes no sujeito que percebe para dar forma à sensação. Kant dizia que quando percebemos o que chamamos de objeto, encontramos os estados mentais que parecem compostos de partes e pedaços. Para ele, estes elementos são organizados de forma que tenham algum sentido e esta é a tarefa da percepção. Em

síntese, identificamos e podemos conhecer nossas sensações por meio da percepção.

A partir de Kant e na busca de responder sobre como percebemos o mundo, Husserl (1859 – 1938) funda as bases da corrente filosófica Fenomenologia e amplia abordagem de que perceber é apreensão de um objeto em suas relações, em sua inserção no mundo, situação que implica necessariamente em múltiplas relações e múltiplos significados. Aquilo que percebemos do mundo depende, para Husserl, da forma como esse algo é apreendido por cada um dos sujeitos no momento de percepção. Todas as percepções de um objeto, de diferentes sujeitos, são reais, constituem verdades, pois todas constituem consciências possíveis sobre o objeto. Não existe uma percepção mais autorizada do que outras. Segundo Kant, a percepção não é uma impressão e combinação passiva de elementos sensoriais, mas uma organização ativa desses elementos numa experiência coerente. Logo, a mente confere forma e organização ao material bruto da percepção.

As bases filosóficas presentes no pensamento de Husserl serão aprofundadas e ampliadas por outros filósofos no século XX. Destacamos, neste texto, apenas mais um pensador que exerce influência em reflexões sobre arte e tem se apresentado como referência de diversas pesquisas no campo de artes cênicas e artes visuais e, também, no ensino de artes. Este pensador é Merleau-Ponty (1908 – 1961) para quem a percepção nunca poderia ser neutra, imparcial ou pura. Ela sofre influências, contágios culturais e sociais e é sempre consciência perceptiva de alguma coisa. Na percepção, as decomposições analíticas são precedidas pela imagem do todo. Em toda percepção, tem-se o paradoxo da imanência (o imediatamente dado) e da transcendência (o além do imediatamente dado). Imanência e transcendência são os dois elementos principais, estruturais de qualquer ato perceptivo.

Percepção segundo a Teoria da Gestalt: a Psicologia como outro lugar

A palavra gestalt não apresenta tradução que possa ser resumida em apenas uma outra palavra em Língua Portuguesa. O substantivo alemão gestalt, na passagem dos séculos XIX para o XX, quando a teoria tem sua origem, apresenta dois

significados: 1. a forma e 2. uma composição que articulando vários elementos atinge uma forma. Considerando o segundo significado, com o qual a teoria em questão se aproxima, temos que gestalt pode ser entendida como configuração. Fazer uma gestalt pode ser traduzido por realizar uma configuração, integrando elementos de um todo.

A preocupação com a forma e configurações decorrem, porém, de outra curiosidade, mais central para os teóricos da Gestalt, que é o universo da percepção humana. A teoria da Gestalt surgiu na Alemanha, em 1912, com as primeiras publicações de Max Wertheimer, motivadas por suas pesquisas sobre percepção visual.

Em um momento europeu no qual a psicologia se funda como ciência e cada recente teoria busca definir seu objeto e método, Max Wertheimer (1880-1943), Kurt Koffka (1886-1941) e Wolfgang Köhler (1887 – 1967) propõem que este objeto é a percepção e que esta merece ser estudada com os rigores da observação, experimentação e teorização próprios da ciência em geral.

Wertheimer propõe pesquisa na qual registra percepções de diferentes pessoas sobre diferentes ambientes e imagens. Descreve movimento em percepção visual de objeto parado. O artigo publicado em 1912, *‘Estudos Experimentais Sobre a Percepção do Movimento’*, praticamente inaugura o movimento da Gestalt na Alemanha. Porém, somente em 1923 com análises que integravam pesquisas dos três fundadores, são apresentados os princípios de organização da percepção. Tais princípios fundamentam-se na idéia de que o cérebro, por um sistema dinâmico, identifica imediatamente o que lhe é apresentado, fazendo relações e comparações por meio de agrupamentos e combinações. São eles:

- Vizinhança ou proximidade: partes próximas são percebidas em conjunto.
- Semelhança: partes semelhantes são percebidas como formando um grupo.
- Fechamento: tendência para completar as figuras incompletas.
- Pregnância: tendência a simplificar para ver boa configuração para compreensão.

A indissociabilidade da parte em relação ao todo permite que quando vemos o fragmento de um objeto ocorra uma tendência à restauração do equilíbrio da forma, proporcionando assim o entendimento do que foi percebido. Esse fenômeno perceptivo é norteado pela busca de **fechamento, simetria e regularidade** dos pontos que compõem um objeto.

A partir de suas observações e dos princípios acima, os teóricos da Gestalt formulam seu conceito sobre percepção. É um fenômeno complexo que resulta de totalizações, de imagens em contexto, de um todo que é síntese de partes e não ocorre a partir dos fragmentos do real, mas de configurações que relacionam tais fragmentos, que relacionam partes de um todo. Um fenômeno não pode ser observado isoladamente do seu contexto, a organização da percepção permite a atribuição de significado ao fenômeno. Significado só é possível por relações, pelo todo que é síntese de partes. Percebemos o todo, em primeiro lugar, e não as partes. Não teríamos tempo de vida para perceber a partir de partes. Dito de outro modo, ou por meio de alguns exemplos:

1. quando nosso olhar se depara com um automóvel, de imediato, não o percebemos a partir de suas linhas, suas pigmentações, seus ângulos, mas o percebemos imediatamente como algo automóvel, ou seja, como algo cuja função reconhecemos, como algo que tem inúmeras referências em nossa sociedade e em nosso tempo. E alguns de nós o percebem como algo que tem um significado particular, para além daqueles socialmente já definidos. A visão imediata de um automóvel pode acionar lembranças de histórias trágicas ou felizes.

2. quando nosso aparelho auditivo se depara com o som de uma música, não o percebemos por meio de suas notas, harmonias ou arranjos, a não ser que sejamos músicos, mas de forma imediata, sem o conhecimento sobre as partes que compõem a música, percebemos o som em uma configuração inteira, associando-o a emoções, imagens, histórias.

Se cada uma destas experiências de percepção ocorresse de forma imediata com a identificação das partes, não teríamos tempo de vida suficiente para perceber 1% do mundo a nossa volta.

Este é o fundamento subjacente ao que declaram teóricos da Gestalt e filósofos desde Kant: percebemos significando, configurando contextos.

Os teóricos da Gestalt enfatizaram a percepção visual em suas pesquisas, mas convidam a pensar a percepção configuradora e significadora em outros campos.

Convidam a pensar que somente em um processo reflexivo, não imediato, que requer método de análise, percebemos por partes. Aliás, a palavra análise, do grego antigo, remete exatamente a decompor um fenômeno em suas partes. Ao contrário da palavra síntese, também de origem grega, que sugere esta configuração integradora de elementos do real.

Com os fundamentos oferecidos pela Gestalt e por Merleau-Ponty, podemos afirmar que percebemos de imediato por sínteses configuradoras possíveis graças ao nosso repertório de significados culturalmente engendrados. Por meio de análises, saímos do imediato e decomponemos as fenômenos percebidos e identificamos elementos e relações, além de causas e novas possibilidades de configurações.

Associado ao conceito de percepção, segundo a Gestalt, temos o conceito de insight, entendido como processo de percepção aparentemente espontânea e imediata que permite relacionar vários aspectos (partes, fragmentos) de certo ambiente ou certo fenômeno e certa experiência. Ao nível do senso comum, esta palavra é associada a ideias que podem solucionar problemas. Mas os teóricos da Gestalt advertem que esta associação pode não ocorrer. Segundo esta teoria, insight é uma compreensão imediata e intuitiva sobre determinada realidade, sem que possamos identificar com certeza os caminhos que nos levaram a ela. Nem sempre esta compreensão é uma solução, mas pode ser apenas a percepção de alguma relação que anteriormente ao insight não conseguíamos perceber.

Como um pesquisador em artes e fundamentado na teoria da Gestalt, Rudolf Arnheim (1904-2007) afirma que nenhuma pessoa dotada de um sistema nervoso normal apreende a forma alinhavando os retalhos da cópia de suas partes (...). (Arnheim, 2004).

Segundo o autor, o pensamento e a percepção não podem operar separadamente e neste processo de percepção, intuição está sempre presente. O ato perceptivo não é exclusivamente racionalizado de forma que elementos intuitivos sejam expulsos do processo. Lembra que na relação com o objeto de arte é necessário um olhar mais atento, um exame completo de todas as relações que constituem o todo, porque a obra de arte é complexa, resultando de múltiplas relações, densas de ambiguidade que fogem das situações cotidianas. Esse exame atento das características visuais

inclui intuição, reflexão e gestalts ou configurações capazes de colocar em diálogo a obra e quem a observa.

O artista cria um mundo, oferecendo-o ao espectador e este atua como um ativo examinador, envolvido em um jogo de sensações e percepções. Esse mundo criado pelo artista, além de ser uma etapa em seu desenvolvimento artístico, torna-se uma proposição para o outro. Um convite ao espectador, no qual ele vai usar sua intuição e intelecto para estabelecer uma relação compreensiva, interpretativa com a obra.

Nossa experiência junto a jovens pesquisadores em artes visuais tem demonstrado que os cânones oferecidos por Arheim para percepção visual muitas vezes constituem referências que engessam interpretações e ameaçam acesso à contribuição do autor sobre o valor da intuição e das relações estabelecidas em cada experiência singular de apreciação artística. Esta constatação, porém, mereceria investigação futura e rigorosa, por isso não a discutiremos aqui. Limitamo-nos a destacar seu alinhamento à concepção da Gestalt sobre percepção e sua valorização da relação entre reflexão e intuição no processo de aproximações às obras de arte.

Arte, educação e ensino de arte: percepção como fenômeno em fronteiras

Se o fenômeno e a palavra percepção integram uma preocupação antiga do ser humano mobilizando filósofos, psicólogos e educadores há séculos, para o campo da arte e seu ensino este mesmo fenômeno e sua palavra revelam lugar denso de interesse, significado e enredamento.

Podemos nos perguntar sobre a relevância de compreendermos percepção como processo de fronteira. Mais especificamente, devemos nos perguntar em que medida esta compreensão pode ajudar o professor em geral e o professor de artes em particular?

Filosofia, Psicologia e diferentes linguagens da Arte convergem para um lugar no qual perceber é processo que resulta de ações não mecânicas, não lineares, não como soma, mas como síntese entre significados arquivados no repertório singular de quem percebe / lê o mundo e imagens oferecidas por este mesmo mundo que que dá a ler / perceber. Arquivos singulares de quem percebe em confronto com o mundo a ser percebido desenham imagens com infinitas camadas. Escondem

mistérios que rondam as formas de perceber. Em uma palavra, temos perceber como complexidade, como decifrar camadas, como desafio de uma dialética entre o eu e o mundo que dificulta polarizar de um lado o eu e do outro lado o mundo. Percebemos no mundo, com chaves e códigos oferecidos pelo mundo e por meio de movimentos específicos a cada sujeito que percebe, relacionando, integrando, articulando em totalidades e sintetizando significados. Em suma, fazendo gestalts.

A ideia de que perceber é fenômeno complexo transporta o professor de arte para o desconforto. Em primeiro lugar, por colocar em cheque sua própria percepção: da arte, do mundo, dos seus estudantes. Em segundo lugar, por colocar em cheque sua tentação de impor como única sua percepção: do mundo, da arte.

O ensino de arte cujo pressuposto é a percepção como processo complexo e de gestalts tem como decorrência pedagógica a aula que garante espaços para confronto de percepções, para descamas significados, para criar hipóteses e identificar contextos e repertórios de significação. É uma aula de dissensos e controvérsias em esforços para se ver / ler / perceber juntos. É uma aula cujo plano do mestre contempla as perguntas inaugurais: como favorecer significações e leituras? Como dar a ler, a dizer, a perceber?

Professores e gestores de ensino de todo o país poderiam questionar ainda: e como dar a ler, a dizer e a perceber ou a criar em classes numerosas? Em condições perversas estabelecidas em diferentes redes de ensino? Como contemplar a todos passando por cada um?

Com certeza, os indícios para encontrarmos a saída ou as respostas a estes comos são difusos e exigem esforços concentrados. Experiências férteis são ainda isoladas. Mas existem.

As expectativas explícitas e subterrâneas deste artigo é que comecemos por questionar nosso entendimento sobre o fenômeno e a palavra percepção, a partir da colaboração de diversos campos como Filosofia, Psicologia, Arte e Ensino de Arte. E que questionemos, também, os modos de ensinar e aprender que decorrem de nossos entendimentos.

Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES. *The Complete Works of Aristotle. The Revised Oxford Edition*, ed. by Jonathan Barnes, 2 vols., Princeton Univ. Press, 1991.
- ARNHEIM, R., *Arte e percepção visual*. Trad Ivonne Terezinha de Faria, São Paulo: Pioneira, 2004.
- ARNHEIM, Rudolf *Intuição e intelecto na arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BRÉHIER, Émile. *Historia de la filosofia*. Trad. Demetrio Náñez. Buenos Aires: Sudamericana, 1962. 3v.
- CHAUÍ, M. S. (1981). *Da realidade sem mistérios ao mistério do mundo –Espinoza, Voltaire, Merleau-Ponty*. São Paulo: Brasiliense.
- HAMLYN, David Walter. *Uma História da Filosofia Ocidental*. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- MATURANA, H. R. e VARELA, F. J., *A árvore do conhecimento*. Campinas: Psy, 1987.
- MERLEAU-PONTY, M. (1994). *Fenomenologia da percepção* (Carlos Alberto Ribeiro de Moura, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Texto original publicado em 1945)
- MORIN, Edgar. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Lisboa, Instituto Piaget, 1991
- _____. *A Cabeça Bem-Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000^a
- PEDROSA, Mario. *Forma e Percepção Estética: Textos Escolhidos II*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996
- ROCHA, Ethel Menezes. *Animais, homens e sensações segundo Descartes*. In *Kriterion* vol.45 no.110 Belo Horizonte July./Dec. 2004
- ROSS, David. *Aristóteles*. Tradução de Luiz Felipe Ferreira. Lisboa: Dom Quixote, 1987.
- SCHULTZ, D. E SCHULTZ, S. *História da Psicologia Moderna*. São Paulo: Cengage Learning, 2009.